

---

**PELOS BARES E BORDÉIS DA CIDADE:  
VIDA BOÊMICA E OUTRAS PRÁTICAS NÃO VIRTUOSAS EM POMBAL NA  
PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Helmara Giccelli Formiga Wanderley<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Campina Grande  
helmaragiccelli@hotmail.com

Luz elétrica, trem de ferro, escolas, indústrias, cinematógrafo. É notório que as transformações modernizantes ocorridas em Pombal entre os anos de 1927 e 1959 trouxeram benefício à cidade. Contudo, no contexto desse processo de modernização, registrou-se o alargamento dos territórios destinados às práticas [in]desejáveis. Neste sentido, as mudanças, fossem elas materiais ou culturais, idealizadas pelas elites locais – que desejavam uma cidade sem vícios, higiênica, dentro dos modernos padrões importados das capitais européias – nem sempre atendiam às suas expectativas. E, apesar dos esforços das elites para enquadrar as populações pobres às novas práticas modernas, percebe-se que muitas das antigas práticas/hábitos persistiram ao lado das inovações, sendo constantemente [re]significadas por seus habitantes.

Pombal, assim como outras cidades que passavam por processos modernizantes, tornou-se naqueles anos uma cidade “diversa, difusa, desviante daquela pretendida por sua elite” (SOUZA, 2002, p.78).

Destarte, se por um lado a modernização dos espaços provocou efeitos positivos à cidade<sup>2</sup>, por outro, acabou ocasionando o aumento e/ou surgimento de algumas patologias sociais, tais como o alcoolismo, as jogatinas, a prostituição e a violência. A cidade moderna deveria ser um lugar de virtudes, um espaço de encontros e de realizações da vida civilizada. Mas se ela era antes um lugar de práticas culturais, era também um espaço de vícios<sup>3</sup>. Assim sendo, a modernização representou também uma ameaça à moral social, aos “bons costumes” de Pombal. E, em face disso, era preciso afastar o perigo que rondava aquela pequena cidade.

---

<sup>1</sup> A autora é mestra em História pela UFCG e professora da UFCG campus Sousa-PB.

<sup>2</sup> É notória nas lembranças dos nossos depoentes a idéia de que a cidade cresceu fisicamente e desenvolveu-se economicamente. “A cidade tratou de ir crescendo, foi melhorando e hoje é uma Pombal!” (SANTOS, 2004). “Sem dúvida com a chegada da estação do trem e da Brasil Oiticica, Pombal melhorou muito” (BANDEIRA, 2004). Eu acho que a cidade cresceu muito viu, deveria ter crescido mais, mas não resta dúvida que ela cresceu. Pombal era um sítio antes!” (SOUZA, 2008a).

<sup>3</sup> Ver BRESCIANNI, 2000. Sobre a polarização cidade-virtude e cidade vício ver PESAVENTO, 2002, p. 32-53.

Visando retirar do centro da urbe a pobreza “abjeta” e os grupos destoantes, a elite local, juntamente com os representantes do poder público municipal, promoveram uma verdadeira campanha para a remoção de homens e mulheres que apresentassem comportamentos “considerados” desviantes à vida numa cidade que se desejava modernizar. Nesse sentido, os pobres, os bêbados, os homossexuais, as prostitutas, os loucos, os doentes, entre outros, *empurrados pelas picaretas do progresso*, foram, em sua maioria, expulsos do espaço citadino centralizado e levados a áreas distantes, onde não representassem perigo à sociedade.

Em vista das dificuldades impostas por aqueles grupos indesejados, que não eram de forma alguma pacíficos, foram criadas leis especiais que viabilizaram não a eliminação, mas a diminuição de tais pessoas ou grupos daquele espaço.

Os discursos em torno da prostituição ganharam maior visibilidade a partir do século XIX, especialmente nas capitais européias, o que aconteceu em função das necessidades do mundo capitalista. Nesse sentido, foram estabelecidos discursos reguladores para aquelas práticas consideradas dionisíacas (RAGO, 2008), o que acontecia em função das “mulheres da vida” terem sua imagem associada à sujeira, ao esgoto, à podridão, enfim, à degeneração social. Assim sendo, em face de tal estigma, os “moralistas”, agiram no sentido de eliminar estas práticas, consideradas por muitos como um “câncer social”.

Vale ressaltar, também, que ainda que encoberta por discursos pejorativos, a prostituição teve/ tem na história das cidades, seu lado positivo, pois segundo Rago, “o bordel enquanto lugar de iniciação sexual dos jovens” era importante, uma vez que acreditava-se que o mercado sexual “garantia a virgindade das futuras esposas e permitia que os moços arrefecessem parte do ‘fogo interno’, numa fase da vida em que os impulsos libidinais eram muito prementes” (RAGO, 2008, p. 28)

Assim sendo, o mercado sexual permitiu o aparecimento de novas práticas “desejantes”. O sexo convencional começou a ser acompanhado por outros atos licenciosos interditados pela cristandade, bem como, pelos discursos médicos da época, isso porque de acordo com a autora anteriormente citada,

A prostituição foi vivenciada como linha de fuga da constelação familiar, da disciplina do trabalho, dos códigos normativos convencionais: lugar da desterritorialização intensiva e de novos territórios do desejo (RAGO, 2008, p. 27).

De tal modo, a prostituição era considerada em Pombal um dos maiores problemas sociais, tanto que a lei nº 3 de Junho de 1936, em seu capítulo XXI estabelecia que: “as mulheres de vida livre não poder(iam) habitar ruas destinadas a domicílios familiares”<sup>4</sup>. Entretanto, a exclusão sofrida por esse grupo era ainda maior. As meretrizes não podiam circular livremente pela cidade.

Não tinha lei que proibisse elas de ir à cidade não, mas elas eram discretas. Quase ninguém via essas mulheres na rua. Nem pra fazer compra nem nada. Era difícil elas saírem. Agora quando saíam, viche! eram tão bem trajadas que todo mundo ficava admirado e falando!...falando mal [risos]. Só que a polícia tratava logo de mandar elas de volta pro lugarzinho delas. Acho que era por precaução sabe?!”(SOUSA, 2008B) (grifos nossos)

É possível perceber um esforço das autoridades locais para coibir as práticas consideradas promíscuas. Diferente daquilo que ocorreu em Campina Grande, onde foram criadas “várias leis e decretos” no “intuito de coibir o ‘footing’ das prostitutas pelas ruas do centro da cidade, de freqüentarem determinados locais públicos em horário inferiores às 22 horas” (NASCIMENTO, 2007, p. 22). Em Pombal não foram criadas leis “oficiais” para restringir os passeios daquelas “mulheres de vida livre”, no entanto, os discursos produzidos pelas elites estabeleceram sanções sociais que ganharam estatuto de verdade. Todavia, lembra o Sr. Raimundo que, “na Rua do Comércio mesmo, tinha uma casa lá que as mocinhas recebiam os homens casados, todo mundo sabia, e ninguém fazia nada contra elas” (SOUSA, 2008B).

Soa bastante estranho a informação de que “ninguém fazia nada contra elas”. Provavelmente, essas moças eram vítimas de grandes preconceitos por parte da população pombalense, que certamente as excluía e que as apontavam na rua como “imorais”.

Num outro momento o mesmo depoente disse-nos que:

No meu tempo as prostitutas eram muito bonitas, tinha muita mulher bonita. Tem um caso que eu quero contar: as mulheres eram tão bonitas que um coronel (...) tirou uma mulher do cabaré e casou com ela. Era macho mesmo! Ninguém podia dizer tanto assim com ela, porque se não já viu. (SOUSA, 2008).

<sup>4</sup> CÓDIGO DE POSTURA MUNICIPAL – Prefeitura Municipal de Pombal. Lei Nº 3. João Pessoa: Imprensa oficial, 1936, p. 18.

Ao que parece, algumas das meretrizes que viviam no centro de Pombal, eram protegidas pela mesma lei que as deveria combater, o que se dava pelo fato de serem seus companheiros os legítimos representantes da lei, ou ainda, “homens de influência”, em face do que gozavam de algumas regalias, tais como freqüentar os espaços familiares. Talvez, em face disso, é que a lei criada em meados da década de 1930, fosse ainda desconhecida pela maior parte dos pombalenses. Mas nem por isso o preconceito e a marginalização sofrida por essas mulheres era menor.

Oswald de Andrade num estudo sobre suas memórias boêmias em São Paulo nos traz de forma bem elucidativa o funcionamento da moral extremamente rígida imposta às mulheres e por extensão aos homens.

Assisti o desnudamento do homem como da mulher no meu século. Essa coitada, até a minha adolescência, esmagava o corpo entre espartilhos e barbatanas de cintas ferozes. Era preciso tirar dela os últimos traços do natural. Nada de canelas à mostra, nem braços, nem começos saltitantes de seios. Tudo isso era o arsenal do demônio que atravancava o nosso celestial destino. (...) Uma vida de simulação ignóbil, abençoada e retida por padres e confessores, recobria o tumulto das reivindicações naturais que, não raro, estalavam em dramas crus. Um pai matava uma filha porque esta amara um homem fora de sua condição. (...) Ser bem educada era fugir da vida. As mulheres não podiam sequer revelar a sexualidade natural que todas tem. Eram logo putas.(apud. RAGO, 2008, p. 43).

É certo que entre as mulheres, tanto aquelas dos segmentos mais abastados quanto as de famílias pobres, havia a concepção de que certas práticas, tidas como amorais lhes eram proibidas. Mas a distância entre o dito e aquilo que realmente “era” parecia ser enorme.

Tratados como tabus, assuntos tais como: sexo, prostituição, homossexualismo, tão perniciosos à sociedade, consistiam em uma constante ameaça aos “bons costumes”. Na verdade, os assuntos “proibidos”, só eram proibidos para as mulheres. As senhoras e moças “direitas” deveriam ser preservadas dos efeitos daninhos de tais práticas. Assim, “sempre que se perguntava algo sobre esses assuntos, ninguém respondia, ou quando respondia era mandando parar de perguntar besteira” (TÔRRES, 2004). Mas muita gente falava sobre os “assuntos proibidos” sim. Movidas pela curiosidade, muitas moças sempre que tinham uma oportunidade aproveitavam para perguntar aos rapazes ou a outras moças sobre sexo. Mas nem sempre as respostas eram esclarecedoras. Algumas eram, na realidade, muito engraçadas, lembra a Sra. Edianete Bandeira:

a gente era tão besta que acreditava em tudo. Em roda de adolescente saía de tudo! Conversava até o que não era para conversar. Olhe, diziam que se a moça sentasse no mesmo lugar onde sentava um homem, se a pessoa não esperasse esfriar, a pessoa podia engravidar. E tinha outras coisas muito bestas (BANDEIRA, 2008).

Muito embora a curiosidade levasse as filhas moças a buscarem conhecimentos sobre aqueles assuntos ditos “escandalosos”, a crença de que o silêncio era a melhor forma de conviver com o incômodo assunto, parecia reinar entre os pombalenses. Mas é preciso relativizar o uso do termo, uma vez que, tais assuntos só eram incômodos enquanto ameaça às suas senhoras e filhas, que deveriam ter sua sexualidade direcionada para a maternidade apenas<sup>5</sup>, pois quando faziam rodas de conversas além de falar sobre política e jogos, um assunto sempre presente era “as mulheres do Rói Couro” e claro, falava-se também das belas moças “de família”, que eram cortejadas para casar e cuidar do lar (JUNQUEIRA JÚNIOR, 2008). Assim, em Pombal naqueles anos havia uma polarização social entre a mulher desejável e a mulher [in]desejável, o que aconteceu também em outros espaços a exemplo de São Paulo, Rio de Janeiro e Campina Grande<sup>6</sup>. Uma coisa, contudo, é certa: se os homens conheciam muito bem as meretrizes, as moças de família não tinham a mesma sorte! Tanto não tinham que vez ou outra, algumas delas eram pegas a conversar distraidamente com uma mulher “mal afamada”,

a gente ouvia falar com muito pudor das prostitutas. Tinha aquelas mais conhecidas, mas sempre chegavam outras, às vezes vinha (sic) de Campina Grande, de fora, aí a gente não conhecia, né? Eu lembro que um dia eu fui deixar uma encomenda lá na Rua do Comércio, aí na volta, eu encontrei com essa moça e a gente veio conversando, mas não era aquelas coisas não! Menina! Quando eu entrei na rua de minha casa [Rua do Guindaste, bairro dos Pereiros], disseram a papai, aí lá vem ele, pegou meu braço, me colocou pra dentro, deu uma surra! E eu nem sabia porque. Ai depois... mamãe disse que eu apanhei por andar com quem não presta (NASCIMENTO, 2008).

<sup>5</sup> Sobre o direcionamento da vida sexual das mulheres ver: RAGO, 2008 p. 24-48; Ver também: NASCIMENTO, 2007.

<sup>6</sup> Ver AZEVEDO. 1990. Nesta obra o autor focaliza o Rio de Janeiro no momento em que a cidade passava por algumas transformações modernizantes, contudo, é o lado negativo dessa modernidade que Aluísio vai explorar, assim, além das questões referentes às habitações dos populares a obra traz também para o centro das discussões a questão da prostituição naquela cidade. Ver também SOUZA. 2002.

Ainda que se tratasse de uma cidade pequena, muitas prostitutas eram desconhecidas tanto pelas moças que viviam no espaço citadino centralizado, como por aquelas que moravam nas proximidades da “zona”, como era chamada a área de meretrício<sup>7</sup>. Uma das explicações para isso era a chegada constante de mulheres de outras cidades, que vinham passar uma temporada nos bordéis, alegrando as noites dos pombalenses.

Ah, quando chegava uma moça nova, que vinha de Campina Grande, de Coremas, de Patos, aí num instante todo mundo ficava sabendo. As donas dos Cabarés mandavam dizer, aí à noite era a casa cheia. Uma farra! As moças lindas demais (risos) (SOUSA, 2008).

Mesmo diante da precariedade dos estabelecimentos, para os boêmios que desejassem ir conhecer as moças que vinham das cidades circunvizinhas no final dos anos 1940, as casas de prostituição ofereciam um verdadeiro espetáculo, claro, guardadas as devidas proporções, não existia um Moulin Rouge, como aquele que havia em São Paulo, nos anos 1930, ou um “Eldorado”, tal como em Campina Grande.

À luz de lampiões<sup>8</sup>, embalados pela orquestra, também vinda de outros lugares, alguns casais de dançarinos apresentavam-se no centro das casas de prostituição. A dança, nessas ocasiões especiais, era sempre a gafieira e o melhor dançarino era Mozart Lourenço que fazia par com as “dançarinas” recém chegadas aquele estabelecimento. Mas havia momentos em que se dançava o fox-trote (JUNQUEIRA JÚNIOR, 2009). Já nos dias comuns “era forró a noite toda, e o tocador? Era Biino”(2008), afirma o Sr. Raimundo Formiga de Sousa.

A maioria dos espectadores eram homens ricos, o que se percebia pelas vestes e/ou pelas bebidas consumidas. Contudo, havia naquele espaço também homens pobres, afinal, todos queriam ver as lindas dançarinas.

Assim, Em Pombal como em outras cidades, contrariando os discursos que afirmam serem os bordéis lugares de práticas sexuais ilícitas apenas, “lugar de descarga libidinal” (RAGO, 196), os prostíbulos são também lugares de diversificadas formas de diversões e lazeres.

---

<sup>7</sup>CÓDIGO DE POSTURA MUNICIPAL – Prefeitura Municipal de Pombal. Lei Nº 3. João Pessoa: Imprensa oficial, 1936, visando a higienizar a cidade estabeleceu no capítulo XXI, Art. 111º, § único que “cabe a prefeitura designar uma ou mais ruas para localização do meretrício e cabarets, incorrendo o infractor das disposições deste artigo na multa de 20\$000 a 50\$000.

<sup>8</sup> A luz elétrica só chegou ao “Rói Couro” em 1953, quando Pombal foi beneficiada com a energia gerada pelas turbinas do açude de Coremas.

Em seu estudo sobre os prazeres proibidos na cidade de Campina Grande entre os anos 1945 e 1965, Antonio Clarindo Bezerra de Souza focalizou as práticas diversionais que existiam no famosos Cassino Eldorado, mostrando que aquele lugar

Poderia até parecer, à primeira vista, apenas um antro de prostituição e jogatina como pretendiam alguns moralistas. Contudo, além dos jogos como bacarat, campista, ronda ou lasquinê, espladim, pôquer e o suave e envolvente girar de trinta e seis, havia também música e dança, que propiciava emprego a inúmeros músicos de Campina Grande e até de outros estados (SOUZA, 2002, p. 327).

Não pretendemos dizer aqui que os cabarés de Pombal se assemelhavam ao “Eldorado”, até porque não pareciam. Na realidade, as distâncias materiais e sociais entre eles eram imensas. Mas algumas coisas eles tinham em comum, ambos “vendiam prazeres”, e geravam empregos diretos ou indiretos o que movimentava também a economia local, através do consumo de bebidas, comidas e roupas, por exemplo. Também no “Rói Couro” os homens, em algumas situações, dispensavam os carinhos de algumas meretrizes para jogar carteadado ou simplesmente bater-papo com outros homens.

Se havia ocasiões de interações sociais entre os homens dos diferentes segmentos sociais, que ali se uniam também pela cumplicidade, não podemos esquecer que o bordel era/é também um lugar de divisões sociais, pelo menos em dias de grande movimento. Assim, naqueles dias, aos ricos eram reservadas mesinhas no interior da casa, sempre juntinhas às paredes, talvez pela falta de espaço. Os pobres tinham a opção de ficar em pé à porta ou sentar-se nas mesinhas que ficavam próximas às janelas, do lado de fora do estabelecimento.

As moças dançavam com umas roupas lindas... e, todo mundo só olhando! O povo conversava, mas era falando das moças mesmo. Dizendo que elas eram bonitas. Eram mesmo, viu? O cabaré era cheio, nesses dias era cheio. Eu ia porque papai confiava nos meninos lá da Rua do Comércio, depois eles vinham me deixar em casa de carro. Era bom demais! (risos) (SOUZA, 2008).

Nos cabarés, as meretrizes eram o objeto de desejo dos senhores e/ou jovens pombalenses. Naquele território, a mulher desejável, aquela que enlouquecia os homens, fugia aos predicados da mulher “honesta”, ordeira. Além de ter que vestir-se bem, conforme afirmou o Sr. Raimundo de Sousa, aquelas mulheres que negociavam o seu corpo, não podiam ter pudor algum, deveriam pulular de beleza, sensualidade e malícia.

---

Até porque acreditamos que os homens que iam até o “Rói Couro” não estavam em busca de amor, embora alguns tenham tido seus corações arrebatados por uma mulher [in]desejável, como dissemos anteriormente. Os homens que iam até à zona buscavam sexo, sexo totalmente despido de amor.

Se havia distinções entre as mulheres respeitáveis e as prostitutas, para este último grupo, segundo Margareth Rago, foram criados dois lugares: a prostituta vítima, aquela que vende seu corpo por necessidades econômicas e a *femme fatale* (2008). Mas, diante da precariedade das casas de prostituição acreditamos que as meretrizes pombalenses estejam enquadradas no primeiro caso, contudo, nos depoimentos dos nossos colaboradores elas aparecem sempre como mulheres sedutoras que enlouqueciam os homens.

A ordem capitalista diluiu os comportamentos ditos morais, promovendo o aumento de práticas sexuais mais fluídas, sendo este, um dos preços a pagar pela tão sonhada modernidade. Na realidade, a prostituição assim como, o homossexualismo, configuram-se, na concepção dos “senhores do saber”, como o lado negativo da modernidade.

Embora as práticas tidas por imorais existissem em várias partes da cidade, o bairro dos Pereiros, principalmente após a construção da Estação do Trem e da implantação dos trilhos, passou a ser uma área estigmatizada. A linha férrea, não a estação, passou a demarcar os limites entre a cidade virtuosa (antes da linha, ao norte), e a cidade dos vícios, dos maus costumes (depois da linha, ao sul). Claro que essa divisão entre os bons e os maus costumes não era tão rígida. Pois no espaço centralizado, também havia práticas “desviantes”. Além dos discretos lugares onde os homens podiam usufruir dos “serviços” sexuais, havia ainda lugares abertamente destinados aos lazeres, à exemplo do Bar Junqueira. Nesse estabelecimento era possível tomar um conhaque Cinzano ou Vermute, ou ainda uma dose da cachaça Chica Boa, acompanhada por fígado ou buchada<sup>9</sup>.

O referido bar, fundado em 1936, era visto pelos pombalenses como algo inovador, servindo como ponto de encontro para os senhores locais, que raras vezes, levavam suas “senhoras” ao estabelecimento, onde poderiam saborear um refresco de

---

<sup>9</sup> As informações foram cedidas pelo Senhor Pedro Junqueira Júnior, filho do proprietário do bar. (JUNQUEIRA JUNIOR, 2007).

maracujá ou abacaxi. Segundo os Sr. Pedro Junqueira Junior, “os frequentadores do bar, eram em sua maioria homens de posses, mas todo mundo podia frequentar, desde que possuísse dinheiro”(JUNQUEIRA JUNIOR, 2007).

Se do lado de cá da linha do trem o bar Junqueira era um lugar de “lazer permitidos”, usando as palavras de Antonio Clarindo B. de Sousa, para além da linha do trem, os bares eram considerados perniciosos. Essa distinção se dava pelo fato de serem oferecidos outros serviços além de bebidas, como falamos anteriormente, tais como: jogos e sexo, considerados pela população de Pombal “prazeres proibidos”.

Diferente do caso do bar Junqueira, nos cabarés “mulher direita não ia não!” (TÔRRES, 2004). Aliás, não andava nem perto.

Nas proximidades da Estação uma nova geografia dos prazeres começou a ganhar corpo a partir do final dos anos 1930. As ruas desabitadas entre o Centro e os Pereiros, passaram a aconchegar as práticas ilícitas. Não só as meretrizes vagavam naqueles espaços depois das 22 horas, mulheres “chifreiras”, ladrões e outros tipos dissonantes passaram a compor aquele cenário de pecados. E diferente daquilo que aconteceu em cidades como Campina Grande, a prostituição naqueles espaços era contratada a preços maiores, pois o encontro ali era preparado pelas cafetinas no intuito de preservar o anonimato de alguns homens tido por “honestos” na cidade.

Embora as necessidades da vida prática levassem a uma sociabilidade com pessoas daquele bairro, o que não acontecia só na esfera doméstica, pois tratando-se Pombal, de uma cidade pequena com uma população também pequena, no dia-a-dia, eram comuns os encontros e desencontros com aquelas pessoas que eram comumente conhecidas como: “Fulana de Tal, lá dos Pereiros”<sup>10</sup>. Assim, nas missas, nos passeios até a estação, depois nas praças, e, finalmente, nos anos 50 também no cinema, pombalenses de lá [dos Pereiros] e os de cá [do Centro], conversavam, brincavam, caminhavam, namoravam e até mesmo se apaixonavam. Mas entre eles também havia discórdias, e como já falamos muito preconceito.

É importante lembrar que embora o preconceito atingisse (quase) todos os habitantes do bairro dos Pereiros que viviam próximos à zona de meretrício do lado de cá, esses discursos dirigiam-se especialmente às mulheres. Eram elas que deveriam ter

---

<sup>10</sup> Conforme nos informou o Sr. Raimundo Formiga de Sousa em entrevista concedida a autora no dia 22.12.2008.

cuidado! Aos homens nada era proibido, afinal eram machos! Procurar um bar, uma casa de jogos ou mesmo uma prostituta era algo perfeitamente cabível para eles. Até porque “as mulheres de casa não eram de fazer sem-vergonhice não! Aí, se os homens queriam fazer safadeza eles tinham que procurar essas mulheres, as prostitutas, né? E as mulheres [as esposas] não achavam ruim não!” (SANTOS, 2004).

Assim instituíram-se limites para as mulheres. Elas, as consideradas mulheres “respeitáveis” não podiam beber, fumar, jogar, caminhar livremente e tampouco falar abertamente sobre assuntos relacionados à sexualidade. Para esse grupo, a linha do trem era o ponto final. Cruzá-la era sempre muito perigoso, quiçá, proibido.

Mas não demorou muito para que os padrões de comportamento mudassem. A introdução gradativa das aparelhagens modernas alterou significativamente a vida dos homens e mulheres daquela aldeia. As barreiras que existiam socialmente, e que impunham uma moral social rígida, foram uma a uma caindo. Em pouco tempo, Pombal tornou-se uma cidade difusa, diferente do que esperavam os membros da elite e os representantes do poder público municipal.

Ao final dos anos 50 a cidade já não se parecia tanto com aquela urbe pacata e bucólica dos anos 1920, todavia, mesmo em face das mudanças pelas quais passou Pombal durante os anos por nós estudados, muitas foram as permanências. E, ainda que algumas práticas não tivessem desaparecido, foram muitas as apropriações, usos e invenções que os cidadãos fizeram delas.

Aos poucos, sentar no banco da praça foi perdendo o encanto, às vezes chegava a ser ameaçador, pois estas tornaram-se locais de encontro não só da população tida como honesta mas também de bêbados, prostitutas, loucos, pedintes, vendedores etc., pessoas estas que fizeram usos diversos, apropriaram-se e (re)apropriaram-se de diferentes maneiras dos espaços criando uma cartografia diferente para aquela urbe.

#### BIBLIOGRAFIA

- ARANHA, Gervácio Batista. **Seduções do moderno na Parahyba do norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1825)**. In. Parahyba no Império e na República. Estudo de história social e cultural. 2ª ed. João Pessoa: Idéia, 2005.
- BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 11ª ED. São Paulo: Campanha das Letras, 2004
- BRESCIANI, Maria Stella. “**As Sete Portas da Cidade**”. In. Espaço & Debates: Cidade e História, Revista de Estudos Regionais e Urbanos: São Paulo, Ano XI, n. 34, 1991.

---

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano I: Artes de fazer.** 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Invenção do Cotidiano. -Tomo II - Morar, Cozinhar;** Petrópolis; Vozes; 2008.

CHARTIER, Roger. **História Cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura:** história, cidade e Trabalho. Bauru, SP: EDUSP, 2002.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre. **O Doce Veneno da Noite:** prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950). 2007. Dissertação (MESTRADO em Ciências Sociais) UFCG, Campina Grand.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar:** A utopia da Cidade Disciplinar – Brasil 1890-1930. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1997.

SEVCENKO, Nicolau. **A Capital Irradiante:** técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio.** São Paulo: Companhia das Letras; 2001.

SOUZA. Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos:** Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965). 2002. Tese (DOUTORADO EM História do Brasil) – UFPE, Recife.

\_\_\_\_\_. **Por um Real de Amor:** representações da prostituição na MPB. EDUFCG, 2008.